

# Em pauta: a formação psicanalítica

Adriana Pacheco Pires<sup>1</sup>; Adriana Davoglio Ribas<sup>2</sup>;  
Betina Teruchkin<sup>3</sup>; Aline Grill Gomes<sup>4</sup>;  
Denise Steibel<sup>5</sup>; Elena Beatriz Tomasel<sup>6</sup>;  
Iara Lurdes Lucchese Wiehe<sup>7</sup>; Francisca Levy<sup>8</sup>;  
Julia Domingues Goi ; Laura Meyer da Silva<sup>9</sup>; Nyvia Oliveira Sousa<sup>10</sup>

**Resumo:** Desde 2011 a Associação de Candidatos (AC) da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) vem incentivando grupos de escrita, formados por colegas de diferentes fases da formação, a construir e a apresentar trabalhos que contemplem os eixos temáticos

- 
- 1 Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica (CELG). Membro Aspirante Egresso (SPPA).
  - 2 Psicóloga. Especialista em infância e adolescência (CEAPIA). Membro A Aspirante Egresso (SPPA).
  - 3 Médica Psiquiatra (UFRGS). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica (CELG). Membro Aspirante Graduada (SPPA).
  - 4 Psicóloga. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (IEPP). Membro Aspirante Egresso (SPPA).
  - 5 Psicóloga (PUCRS). Mestre e Doutora (UFRGS). Especialista em Psicologia Clínica (IEPP). Membro Aspirante Egresso (SPPA). Presidente da Associação de Candidatos SPPA – Gestão 2016-2017.
  - 6 Psicóloga (PUCRS). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela FUMM - Fundação Universitária Mário Martins. Membro Aspirante Graduado (SPPA). Presidente da Associação de Candidatos SPPA - Gestão 2012 -2013.
  - 7 Psicóloga (PUCRS). Especialista em Psicologia Clínica (IEPP). Membro Aspirante Egresso (SPPA). Docente, Supervisora e Co-Diretora do Departamento de Ensino do IEPP. Presidente da Associação de Candidatos SPPA – Gestão 2014-2015.
  - 8 Psicóloga (PUCRS). Especialista em Psicologia Clínica (IEPP). Membro Aspirante Egresso (SPPA). Presidente da Associação de Candidatos SPPA – Gestão 2015-2016.
  - 9 Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). Membro Aspirante Graduado (SPPA).
  - 10 Médica Psiquiatra (ABP). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica (CELG). Mestre em Psiquiatria (UFRGS), Membro Aspirante Graduado (SPPA), Presidente da Associação de Candidatos SPPA – Gestão 2011-2012.

dos congressos da FEBRAPSI e da FEPAL aliados aos aspectos da formação psicanalítica. Através deste artigo, buscamos apresentar o que até então produzimos. Iniciando pelo tema tradição e invenção, perpassamos pelo medos e paixões, realidades e ficções, sonho e ato e por fim, o corpo. Além de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a temática da formação analítica, tivemos a rica experiência de intercâmbio criativo com colegas que resultou na escrita de seis trabalhos, e o presente artigo. Entendemos que este processo faz parte do que Bolognini (2014) chamou do quarto vértice da formação, referente à importância da relação do analista com as atividades e vínculos institucionais.

**Palavras-chave:** Formação analítica. Quarto eixo.

## Introdução

Escrever é parte do nosso trabalho analítico. Foi a partir desta afirmação que a Associação de Candidatos (AC) da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), em 2011, propôs a escrita anual de um trabalho que contemplasse os aspectos da formação psicanalítica, integrando-os ao eixo temático dos congressos da FEBRAPSI e da FEPAL. Além de convidar os colegas de diferentes fases da formação (candidatos em seminário, egressos e graduados), a ideia era oferecer um espaço para leitura e discussão de textos que não constavam no programa oficial das disciplinas. Este desafio visava aproximar os candidatos, ouvi-los e estimulá-los a pensar e a escrever. A ideia ampliou-se e o grupo cresceu. Deu certo. Deu tão certo que nos últimos cinco anos, seis trabalhos foram escritos. Apresentaremos neste artigo uma síntese dos mesmos, refletindo sobre esta atividade da AC da SPPA.

Iniciamos pelo tema *Tradição e Invenção*, que provocou a discussão do nosso papel enquanto analistas em formação e abriu portas para estudarmos o próximo tema, nossos *Medos e Paixões. Realidades e Ficções* nos instigou a estudar a nossa relação com a busca pela verdade, pelo verdadeiro, avidamente provocada pela experiência da formação. O tema *Sonho e Ato* mobilizou um grupo grande de candidatos, originando-se dois trabalhos distintos, um que buscava compreender a sustentabilidade da formação e da técnica psicanalítica, e outro que abarcava o tema da comunicação em ato cada vez mais presente na prática clínica. Por fim, o último trabalho realizado dedicou-se a compreender o lugar do *Corpo* do analista na formação e junto aos seus pacientes.

Seguiremos esta ordem na apresentação de cada trabalho, pois entendemos que eles possuem um encadeamento não somente cronológico, mas também de temas propostos pela FEBRAPSI e pela FEPAL, que parecem ir de um nível representacional mais elevado rumo à compreensão do primitivismo da experiência corporal. Reunir os pontos principais destes trabalhos fez com que pudéssemos

ter uma nova oportunidade de elaboração dos vários temas, transcendendo-os para desenvolver outras ideias. Apresentar o movimento das nossas inquietudes, questionamentos e a evolução de nossas reflexões constitui o objetivo do presente artigo.

### **Entre a tradição e a invenção: como nos tornamos analistas?<sup>11</sup>**

*“Há um olhar que enxerga quando a obediência significa desrespeito e a desobediência representa respeito. Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos.*

*Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existem fidelidades perversas e traições de grande lealdade.*

*Este olhar é o da alma”.*

(Bonder, 1998)

Por estarmos vivenciando intensamente este momento da formação em nossas carreiras analíticas, refletimos sobre possíveis semelhanças e/ou diferenças presentes nos termos *Inovação e Invenção*. Questionamos a possibilidade de inventar/innovar, a partir da *Tradição*, na formação analítica vigente para, na sequência, imaginarmos o futuro da mesma. Portanto, centramos nossa questão mais especificamente em compreender como nós, atuais analistas em formação, transitamos através deste legado da *Tradição*, em direção à *Invenção* do que está por vir.

A psicanálise surgiu a partir da *Invenção* de Sigmund Freud, rompendo com a *Tradição* da época, necessitando de adeptos para dar seguimento as suas descobertas. Freud logo se deparou com a questão da formação de novos analistas, que dariam seguimento ao legado da *Tradição* por ele inventada.

Em 1910, Freud, ao ser questionado a respeito de como alguém pode se tornar analista, respondeu que seria através da análise dos próprios sonhos. Em 1912 ressaltou a ênfase dada à análise pessoal do candidato por outro analista com maior conhecimento teórico, como pré-requisito à formação. Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), advertiu sobre a importância da individualidade de cada terapeuta e destacou a atenção flutuante, a associação

---

11 Teruchkin, B., Wiehe, I., Tomasel, E., Meyer, L., Secco, L., & Sousa, N.; Crestana, T. (2012). *Entre a tradição e a invenção: como nos tornamos analistas?* Comunicação apresentada no 29º congresso FEPAL: Invenção e Tradição, São Paulo, Brasil.

livre e os princípios éticos na prática da psicanálise, elegendo a abstinência e a neutralidade como condições fundamentais para o exercício desta profissão. *Tradição* fundamental que se mantém até hoje.

Eizirik (2011) chama a atenção para a importância da *Tradição* na formação. No entanto, alerta para o fato de que esta também pode ser um instrumento para o controle, o conservadorismo e a castração de novas iniciativas, ideias e participação ativa dos jovens analistas. Ressalta que a divisão estanque em categorias de membros, currículos rígidos, dificuldades impostas para a progressão na carreira analítica e obediência acrítica aos padrões internacionais foram alguns dos piores aspectos de uma *Tradição* semelhante aos regimes ditatoriais, contribuindo para destruir a criatividade.

No que consiste o termo *Invenção*? Conforme o dicionário Aurélio “é o ato, faculdade, processo ou efeito de inventar. Imaginação produtiva ou criadora, capacidade criativa, descoberta ou criação (decorrente do estudo ou experimento) de alguma coisa (concreta ou abstrata)” (1986, p. 964). Enquanto que *Inovação* “é o ato ou efeito de inovar. Novidade” (*Ibid.*, p. 949).

Observamos que confundíamos inúmeras vezes os termos *Invenção* e *Inovação*. Constatamos que a semelhança dos termos pode ser ambígua. A partir disso, supomos que resistências possam surgir em resposta ao novo. Nossa confusão de conceitos poderia refletir uma resistência em pensarmos o novo, questionando a *Tradição*, legado transmitido a nós através de nossos analistas, professores e supervisores?

Inovações importantes surgiram ao longo do tempo. A ampliação dos conceitos de contratransferência e campo analítico nos direcionam ao reconhecimento atual da relação entre analista e paciente como algo a mais do que a soma de cada um dos objetos. Estas modificações paradigmáticas na teoria da técnica psicanalítica resultam em um impacto de proporções significativas na nossa formação, especialmente em um Instituto que proporciona a pluralidade de ideias dentro da formação. É na vida institucional, que nos deparamos com o maior choque de ideias, costumes, tradições e modismos. Esse fato nos parece imprescindível, mas também demanda autoconhecimento e crescimento pessoal, para que possamos tirar proveito da diversidade.

Inovar, inventar podem ser sinônimos de transgredir. Se isso não acontecer, corremos o risco de destruir o potencial criativo, matéria prima preciosa na nossa formação. É desta *Invenção* - transgressão - que queremos falar. Aquela que é criadora e criativa em si mesma. Para cada novo candidato que ingressa em um Instituto, cada novo par analista/analizando que se forma, a partir deste encontro *sui generis*, toda *Tradição* é novamente transmitida e renovada. Por isso é também

crucial termos em mente a importância da individualidade de cada analista. O analista, tal qual o concebemos na atualidade, *precisa estar ali sendo e tornando-se e não apenas compreendendo* (Luz, 2011).

No impacto do encontro do analista com seu paciente, do candidato com seus professores e supervisores, ou mesmo com o método psicanalítico é que reside um *quantum* de *Invenção*, de inovação, de transgressão, como quisermos chamar, necessários para a formação de um novo analista.

Para Gabbard e Ogden (2011) poucos de nós sabemos o que estamos fazendo ao terminar a formação psicanalítica. Daí a necessidade de buscarmos um estilo próprio, respeitando a singularidade da nossa personalidade. Estes autores ressaltam que a maturidade do analista teria muito em comum com o desenvolvimento psíquico do mesmo, ambos construídos arduamente ao longo da formação analítica. Tornar-se analista envolve, necessariamente, criar uma identidade muito pessoal, diferente da de qualquer outro analista. O analista não detém o saber, ele faz parte de uma relação que vai construir algo novo, nos meandros do binômio transferência-contratransferência (Teruchkin, 2011).

Sabemos que em função de tantas mudanças também a vida psíquica sofre alterações e distorções. Neste hiato de entendimento surge o nosso interesse quanto ao futuro da formação psicanalítica. Acreditamos que essa evolução é possível dentro de um *espaço potencial*, onde a *Invenção* é permitida, desde que ancorada na *Tradição*, não como algo estanque, mas sim como matéria prima, para que surja o novo.

Nosso objetivo não é dar respostas, mas criar um espaço onde possamos questionar o futuro da nossa formação, considerando a *Tradição* e incorporando as mudanças que vêm ocorrendo.

### **Entre o medo e a paixão: como nos tornamos psicanalistas nos dias de hoje?**<sup>12</sup>

Entre as ideias de Agamben (2009) de *Contemporaneidade* e de Bauman (2004) de *Liquefação das relações atuais*, nos perguntamos onde ficam os medos e as paixões inerentes à formação analítica?

Em uma cultura na qual impera a lógica do descarte, e que as relações são tratadas à semelhança do consumo, é preciso questionar como vive o indivíduo imerso na liquefação da pós-modernidade. Ou seja, como analistas em formação

---

12 Gomes, A., Teruchkin, B., Steibel, D., Tomasel, E., Levy, F., Wiehe, I., Araujo, T., & Crestana, T. (2013). *Entre o medo e a paixão: como nos tornamos psicanalistas nos dias de hoje?* Comunicação apresentada no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Ser contemporâneo: medo e paixão. Campo Grande, Brasil.

é necessário aderirmos ao nosso tempo e sabermos que fazemos parte dele, mas também afastar-nos para compreendê-lo melhor, sermos então *Contemporâneos* do nosso próprio tempo, como sugere Agamben (2009).

A formação psicanalítica se propõe a formar e não informar, *enformar* ou formatar o sujeito. É preciso que seja facilitadora e organizadora, e que o uso da força alienante dos *dispositivos* se já interceptado, de modo que assim os analistas em formação constituam livremente sua própria identidade. O *dispositivo* nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma atividade de governo, de poder, sem qualquer fundamento no ser. O intuito é gerir, orientar, interceptar e modelar. Agamben (2009) propõe duas grandes classes: os seres viventes e os *dispositivos* em que esses se encontram incessantemente capturados. Entre as duas, há uma terceira classe: os sujeitos, que é o que resulta do corpo a corpo entre viventes e dispositivos. Pensamos que a formação psicanalítica se insere nesse processo de formação do sujeito. A formação analítica segue regras e critérios específicos, dispositivos que, inicialmente, formatam o indivíduo com o objetivo de uma posterior libertação. Se o dispositivo estrangula a liberdade de pensamento, ele aliena em vez de libertar. Ou seja, deve-se considerar o uso que se faz do dispositivo e não só o dispositivo em si.

Identificamos, entre leituras e discussões, alguns medos ao longo e também após a formação analítica. Dentre os mais comuns, destacaram-se o medo da formatação, o de não se saber o que se está fazendo, o de não se ter pacientes para analisar, o de doenças incapacitantes, o medo da finitude e, ainda, o medo de nos vermos inundados pela *liquidez* da cultura atual.

A atualidade nos desampara na sua liquidez, ao mesmo tempo nos ampara com os avanços científicos e com a evolução e ampliação da teoria e da técnica psicanalítica. Hoje sabemos que é inerente ao trabalho analítico experienciar emoções primitivas que, por vezes, ficam fora da nossa área de compreensão por alguns ou até por longos períodos. Precisamos nos deixar perder, para, juntos, acharmos um caminho. Isso não é apaixonante? E ao mesmo tempo temível?

O que nos alenta é saber e sentir que na medida em que vamos calibrando nossa escuta analítica, através dos estudos, discussões, análise pessoal, atendimento dos pacientes e supervisão, tende a aumentar nossa capacidade simbólica e de continência. A paixão pelo conhecimento e pelo aprendizado, pela produção e pelo aprimoramento, é uma fonte de combustível à criatividade. Assim, nossa identidade, como analistas, vai se desenvolvendo, embora paixão e medo pareçam andar constantemente lado a lado nesta jornada.

E como nos situarmos nesta mescla de paixão, que nos faz ir adiante, e de medo, que, por vezes, nos faz hesitar ou recuar? Pensamos que talvez neste ponto caiba pensar em amor. Amor à verdade, à escuta analítica, e ao espaço que podemos dar ao paciente para que se torne contemporâneo de seu próprio tempo, sem se alienar e também sem se deixar engolfar pelos dispositivos existentes.

Ao procurarmos a formação analítica não estamos indo em busca de algo pronto, mas sim de um terreno fértil para desenvolvermos criativamente nossas identidades como analistas, em constante transformação, o que se sabe que também é incerto. Talvez esta seja uma das razões pelas quais a nossa paixão pela psicanálise se acompanhe de medos. É possível perceber na paixão criativa um impulso a expandir-se, a ir além, alcançar *o que está lá fora*. Amar significa disponibilizar-se, assumindo responsabilidades. Pensamos que o envolvimento com o qual vivenciamos a formação analítica talvez seja uma das expressões deste impulso vital de expandir-se na criação de algo novo. Por outro lado, se predominar a paixão primitiva, alienante, esse processo de construção do analista pode ser prejudicado, afastando-o de sua identidade real.

Neste sentido acreditamos que a psicanálise se faz e se fará necessária tendendo a crescer e se desenvolver devido à demanda, e as angústias que impossibilitam a vida. A respeito da formação psicanalítica atual, pensamos que essa deve estar aberta às demandas da cultura e, ao mesmo tempo, manter seus princípios éticos básicos a respeito do que é analítico. Esse equilíbrio não é fácil. Medo e paixão estão em constante dialética, o que requer estudo, reflexão e *contemporaneidade*.

Acreditamos que a psicanálise sobreviverá se puder se transformar, não se alienar, isto é, se for *contemporânea* ao seu tempo. Análoga a uma paixão que se transforma em amor quando enxerga o outro com seus limites e o desidealiza, espera-se que a formação psicanalítica propicie um movimento que, partindo de uma idealização inicial, rume à gradual desidealização. Isto significa vê-la com suas potencialidades e limitações, e estar, por isso, mais aptos à busca da verdade.

### **Realidades e ficções na formação analítica<sup>13</sup>**

O tema *Realidades e Ficções* na formação da identidade e na prática do candidato nos remeteu a um apanhado histórico desde Freud até autores atuais, como Bion, Ogden, Meltzer e Rezende.

---

13 Pires, A., Oliveira, C., Steibel, D., Levy, F., & Wiehe, I. (2014). *Realidades e ficções na formação analítica*. Comunicação apresentada no 30º congresso FEPAL: Realidades e Ficções. Buenos Aires, Argentina.

Freud no início buscava a *descoberta* da verdade através da ficção trazida pelo paciente, comparando o psicanalista com o arqueólogo, que desenterraria um tesouro já existente. Hoje a psicanálise contempla o campo intersubjetivo, enfocando a construção de uma ficção a dois, que tenta chegar o mais próximo da realidade possível.

Bion nos coloca em uma tarefa viva e apaixonante, mas eternamente desafiadora que é estarmos constantemente em busca da própria verdade. Esta é mutável e, portanto, enriquecedora. É estarmos em uma posição na qual nos permitimos tolerar o não saber, para que possamos criar estados de pré-concepção para que as realizações possam ocorrer e os sentidos surgirem (Rezende, 1997).

Quando nos propomos a ir em busca da verdade junto aos pacientes, não se trata exclusivamente de ir ao encontro da verdade em um discurso, mas de buscá-la na experiência emocional. É através da identificação projetiva realística que o outro se torna o veículo para a verdade, pois através das relações podemos conhecer o outro, o mundo e a nós mesmos.

Segundo Ogden (2010) a verdade emocional é algo paradoxal, pois apesar de ser humanamente universal, é idiossincrática, atemporal e específica a um determinado momento. A convergência de ideias que mutuamente se influenciam e são criadas pela dupla, portanto de autoria inespecífica (*não se sabe de quem é a ideia*), ocorre quando ambos conseguem alcançar, ainda que de forma fugaz, e *relativamente verdadeira*, um encontro emocional em um momento particular da sessão.

Ao longo da formação, o candidato, em sua análise, está em busca da verdade, tanto quanto o seu paciente. O analista também terá que se permitir entrar em contato com sua essência e *des-cobrir* a si, sobre quem ele é ou quem pode vir a ser como pessoa e como analista. É no processo de analisar o outro que surge a possibilidade de nascer um analista. É um processo complexo, aberto, no qual vivemos em movimentos constantes de identificações e desidentificações de modelos (supervisores, professores, analista e colegas). Parece haver uma simultaneidade de processos aparentemente contraditórios, pois há um desidentificar-se e identificar-se com diferentes teorias e modelos.

A verdade, em si, é inalcançável, mas os representantes dela caminham pela sessão analítica a espera que o analista possa conter e ajudar o paciente a se apropriar dela. Entramos no terreno das ficções e das histórias nas quais o paciente nos envolve. A ficção pode velar e desvelar a verdade ao mesmo tempo, sem ser *nua e crua* ela mostra-se e se oculta.

As palavras formam histórias/ficções, que carregam um enredo e uma melodia. A escuta analítica é treinada para captar em que melodia a história está sendo

contada e que função ela tem. Em uma dança a dois, o analista pode receber as palavras do paciente e ir além delas, proporcionando um encontro emocional.

A própria transferência e a criação do terceiro analítico podem ser consideradas ficções, se entendermos como algo que é vivenciado pela dupla. É uma ficção que veicula algum senso de verdade. É uma relação verdadeira, baseada no amor à verdade que rege o processo, mas ao mesmo tempo, é uma relação única, criada pelo próprio processo analítico. A ficção pode ser uma forma de suportar momentos de maior sofrimento, funcionando como um espaço potencial, um lugar onde a criação é possível, enriquecendo o universo mental. Trata-se de uma narrativa em que contracenam os distintos e contraditórios personagens do mundo interno do paciente.

A ficção pode assumir duas funções: uma mais próxima da falsificação e outra mais próxima da realidade. O discurso do paciente é de personagens e o analista precisa escutar a ficção como metáfora que os conduz às verdades compartilhadas.

Durante o árduo processo da formação analítica cada um de nós deverá criar um tipo de ficção própria, objetivando conter todo aquele repertório emocional frustrante, como modelos teóricos contraditórios, interrupções prematuras de pacientes supervisionados, a complexidade da escrita analítica, a incerteza de nosso futuro profissional. Com o auxílio dos co-autores (instituto, colegas, professores e analistas) redigimos uma ficção biográfica rumo a uma identidade psicanalítica, um romance de nossa trajetória profissional (Ambrosiano, 2005).

Escrevemos nosso percurso como analistas em formação na medida em que mantemos nosso olhar afinado para nosso mundo interno. Desvendando a nossa ficção biográfica podemos cada vez mais nos instrumentalizarmos para conhecer a ficção do paciente.

### **Sonho/ato: a representação e seus limites na formação psicanalítica<sup>14</sup>**

A formação analítica é tarefa para uma vida toda, considerando que o instrumento utilizado, a mente, precisa estar sempre em expansão. Gabbard e Ogden (2009) referem que uma experiência produtiva em análise (do analista como paciente e como analista) coloca em marcha um processo através da vida do analista: para cada paciente temos a responsabilidade de nos tornar um analista que

---

14 Martins, C., Tomasel, E., Wiehe, I., & Goi, J. (2015). *Sonho/ato: a representação e seus limites na formação psicanalítica*. Comunicação apresentada no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Sonho/Ato. São Paulo, Brasil.

nunca havíamos sido antes. Os autores citam Bion: “O analista que você se torna é você e somente você; você tem que respeitar a singularidade de sua personalidade” (Gabbard & Ogden, 2009, p. 311). A identidade do analista se forma com o tempo de aprendizado teórico e com a própria análise. Sofre também pressões decorrentes do meio político, social e institucional em que vive.

Quanto à escolha por esta formação, como pode se dar esta eleição? Em busca de qual realização estamos nós, candidatos? Qualificação profissional? Realizações narcísicas? Desejo de pertencimento? Idealização por uma análise profunda? Ou eterna? E, em contrapartida, com que candidatos a instituição formadora sonha? Qual é o sonho institucional sobre os candidatos selecionados? De que maneira a instituição lida com aqueles que frustram este sonho? E, além disto, quais os sonhos institucionais sobre os formadores/didatas de futuros analistas?

No princípio, o sonho/desejo dos candidatos é impregnado de idealizações, necessárias e inerentes a toda nova relação. Porém, dentro de um estado mental regressivo, as expectativas de ser plenamente aceito pelo grupo e nutrido pelo conhecimento dos pais/didatas podem acarretar um incremento da infantilização ao longo do processo e comprometer a maturação da identidade analítica. Considerando a trajetória de um analista, propomos uma analogia entre a formação da identidade analítica e o espectro representacional que Levine (2014) sugere sobre os estados mentais. Cogitamos que a formação da identidade analítica se movimenta entre identidade não representada, precariamente representada e re-presentada, como modelos sobrepostos, que não se excluem mutuamente.

Dentro deste espectro, a identidade baseada em um funcionamento majoritariamente não representado correlaciona-se às condutas predominantemente opositoras, beligerantes e destrutivas. Ou ao deslocamento para a instituição e/ou seus representantes dos aspectos transferenciais da relação do candidato com o seu analista. Ou ainda, as projeções de ansiedades paranóides para o instituto e/ou seus representantes. Este funcionamento mais regressivo gera maior propensão para somatizações e/ou atos. Por exemplo, precoces e/ou equivocadas indicações para psicanálise e uso do divã, ou mesmo a interrupção impulsiva da formação. Algumas vezes, durante o percurso da formação psicanalítica, sentimo-nos apressados e inseguros com nossa imaturidade. Essa aflição vai tendo oportunidade de ser elaborada em vários espaços e tempos, como este destinado à construção deste trabalho, que de alguma forma facilita o processo de representação.

Também podemos pensar como obstáculos à aquisição de uma identidade baseada em funcionamento mental representado, alguns fatores provenientes da instituição. Pensadores como Kernberg (2000a, 2000b), Guerrero e Laufer

(2004) discutiram problemas no treinamento psicanalítico. Dentre eles, a manutenção de uma atmosfera de doutrinação, a falta de compartilhamento da experiência clínica dos mais graduados com os aspirantes, autoritarismo, a tendência à infantilização dos candidatos, a negação da realidade externa em vez do estímulo à exploração científica, prejudicando a educação psicanalítica e ocasionando o isolamento da comunidade científico-acadêmica.

A possibilidade e a capacidade de candidatos terem autonomia de pensamento e liberdade de expressão denota saúde mental institucional, ou seja, condições para o sonhar, dar figurabilidade e representação. O fim de práticas como a dos analistas didatas fazerem relatórios e assim, definirem sobre o futuro institucional de seus pacientes/candidatos possibilita que as experiências pessoais de análise, durante a formação, sejam um espaço potencial para o sonho e a busca da verdade. Também a presença dos candidatos em reuniões dos institutos e o contato com o trabalho clínico de psicanalistas mais experientes auxiliam na aprendizagem acerca das dificuldades e incertezas inerentes à prática psicanalítica, conforme defendeu Kernberg (2000a, 2000b).

Percebemos uma ampliação na capacidade de continência tanto institucional quanto na clínica, que em ambas as situações, permite que, tanto sonhos possam ser sonhados, quanto atos ou qualquer outro tipo de comunicação possam ser expressos, aceitos e melhor compreendidos. Constatamos a ampliação dos espaços mentais que inclui alguns Institutos de formação. O que, por si só, fortalece cada vez mais a psicanálise, seus pensadores e registros criativos.

Em direção a maior capacidade de representação, quando se intercalam momentos de maior e de menor representabilidade, reconhecemos a importância da fratria. O analista/candidato necessita de constante relacionamento com seus colegas de diferentes etapas da formação, de outros institutos, docentes, supervisores e didatas, o chamado quarto eixo da formação - entendido como a participação institucional. Isto propicia amparo e continência das angústias das diversas fases da formação, cooperando para reduzir, desta forma, as possíveis atuações e/ou adoecimentos. A construção do divã interno varia temporalmente para cada um, e não é apenas individual, mas consequência das múltiplas identificações com a *família analítica* que tende a favorecer o sonho em detrimento do ato. A fratria em conjunto com o dito *quarto eixo* - participação institucional - promovem a capacidade de sonhar também coletivamente a formação. Nesse sentido, o treinamento teórico conjunto objetiva dar ao futuro analista não o que ele deve saber, à maneira de um escolar, mas de lhe gerar o desejo de pensar psicanaliticamente.

Dessa forma, acreditamos que possíveis atuações ocorram em qualquer fase desse percurso dinâmico que, se entendidas, podem auxiliar na elaboração da identidade ou não, caso esta não possa ser sonhada/representada. Consideramos o papel do Instituto, nestas situações, mais uma vez decisivo. Poderá balizar as relações entre seus membros, reforçando a consistência ética da formação, e assim desestimular a satisfação de necessidades predominantemente narcísicas. É dentro das Instituições que possibilitam o livre sonhar e o associar, que estaremos em contato com o inconsciente. Ser psicanalista é um eterno *vir a ser*. Compreende uma atitude mental humilde de entender-se em uma constante construção de si.

Acreditamos que durante a formação psicanalítica (e mesmo depois) vamos do ato ao sonho e do sonho ao ato de maneira intermitente e contínua. O mais importante nesse caminho é seguir ampliando a capacidade de representação que nos permite aprender com a experiência. Para que, dessa forma, o sonho seja cada vez mais carregado de significados e o ato, de comunicações. As experiências emocionais ao longo deste trajeto, ligadas aos alicerces da teoria e da técnica, são os elos construídos e compartilhados entre a fratria psicanalítica e nos levam ao encontro da representabilidade. Essa conquista é parcial e imperfeita. Momentos de atualização e trocas proporcionados por congressos como este fortalecem ainda mais nossas convicções e nos estimulam a seguir no percurso.

### **Sustentabilidade e psicanálise<sup>15</sup>**

Inspirados no tema Sonho/ato: a representação e os seus limites, começamos a sonhar o futuro da psicanálise. Pensamos que, assim como o homem precisa repensar a sua sintonia com a natureza para dar conta das mudanças climáticas e ambientais, a psicanálise precisa refletir sobre seus atuais desafios. A partir das novas exigências impostas à técnica pelas chamadas patologias atuais nos propomos a pensar: quais são as mudanças na técnica decorrentes das patologias atuais e suas repercussões na formação? De que maneira a formação analítica nos prepara para sermos analistas menos vulneráveis e, mesmo imersos na cultura atual, seguirmos lutando pela permanência do interesse em pensar e significar?

A preocupação pela preservação e restauração dos recursos naturais necessários à vida aponta para uma necessidade de o humano sintonizar com o ritmo da natureza, diferente do vivido no cotidiano. Na psicanálise buscamos sintonizar

---

15 Souza, C., Schaf, D., Brum, F., Levy, F., & Bortolini, M. (2015). *Sustentabilidade e psicanálise*. Comunicação apresentada no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Sonho/Ato. São Paulo, Brasil.

com o ritmo natural de cada paciente, proporcionando um encontro verdadeiro entre duas pessoas, necessário para o nascimento da criatividade, da capacidade de simbolização e da subjetivação. Neste trabalho abordamos os seguintes tópicos: o homem e a natureza, a mãe e a natureza do bebê, o analista e a natureza do paciente, a formação analítica em sintonia com as demandas da atualidade.

Em sua tarefa de humanizar, a psicanálise tem como desafio atenuar a distância entre a aceleração da hipermodernidade e seu descompasso com a natureza humana: simples, lento, cadenciado e repetitivo. E a identidade psicanalítica, como se constitui diante desse cenário? E o jovem candidato que embarca nessa viagem em velocidade acelerada de mudanças? Como se dará a integração desses modelos do fazer analítico na composição de sua identidade?

Um dos desafios aos novos analistas é adequar-se às exigências da formação, seguindo um modelo de aprendizado, mas preservando sua espontaneidade e criatividade. Este é um desafio não apenas aos candidatos, mas também às instituições de formação psicanalítica, no sentido de propiciar uma condição favorável à construção da identidade analítica autêntica e consistente, preparando-nos tecnicamente para ampliar o escopo que a psicanálise possa alcançar.

Na clínica psicanalítica atual, a análise pessoal dos candidatos passa a ter importância ainda maior, pois somente a partir da ampliação do acesso a aspectos mais primitivos de sua mente é possível aceder e tratar essas demandas que a atualidade impõe com maior intensidade.

Ainda não sabemos por que tipos de mudanças a formação analítica precisará passar nos próximos anos para dar conta das mudanças culturais e das patologias mais prevalentes. Porém, as instituições parecem estar atentas a essas mudanças sem perder de vista a estrutura tradicional. Observamos que o tema da sustentabilidade e das *patologias atuais* surge naturalmente nas reuniões e eventos institucionais. Pensamos que esses debates, em meio a outros tantos, corrobora a importância da participação dos candidatos e analistas nas instituições, para que possam, apoiados e sustentados por estas, manterem-se, de forma ativa e constante, pensando analiticamente as questões da atualidade e da clínica. É o que vem sendo descrito como o quarto vértice da formação analítica. Este quarto elemento, essencial à formação de analistas, foi descrito recentemente por Stefano Bolognini (2014) como: “a aquisição da capacidade de trabalhar com colegas e tornar-se parte integrante de atividades de troca científica e da vida institucional, como uma permanente função constitutiva da identidade psicanalítica”.

A psicanálise é uma ciência relativamente atual, com pouco mais de cem anos de existência. No entanto, a sociedade passou por drásticas e profundas transfor-

mações neste período. A comemoração dos cem anos da metapsicologia freudiana no ano de 2015 veio a ser um mote estimulante e necessário para repensar e atualizar essas questões.

A história da humanidade é cunhada por mudanças e reformas. Entretanto, nos últimos anos essa ocorrência acontece em progressão geométrica, acelerando o ritmo da vida e das relações bem como seu impacto sobre o psiquismo humano. À medida que a sociedade se complexiza, exige do indivíduo maior agilidade, competência e desempenho. Os limites se alargam em todas as áreas de atuação humana, o que certamente redundará em desenvolvimento tecnológico e científico. Mas e a natureza humana, sobretudo a constituição psíquica, como vem sendo contemplada nesse ritmo veloz?

Há a necessidade de nós, analistas em formação, atendermos as demandas institucionais, nos mantendo leais ao método psicanalítico, sem que isso iniba a nossa criatividade e a construção de uma identidade analítica genuína. A formação dessa identidade proporciona a sustentação necessária à capacidade de sintonizar com os pacientes. Da mesma forma que a mãe proporciona a sustentação necessária ao desenvolvimento saudável do bebê, o analista poderá proporcionar, conforme Winnicott, sustentação ou *holding* ao paciente. A nosso ver, essa sustentação só será possível quando o analista, por sua vez, estiver devidamente amparado pela sua instituição de formação.

Pensamos que os institutos e os analistas precisam ocupar-se continuamente e, em relação estreita com o seu entorno humano e ambiental, refletir a respeito da continuidade do método psicanalítico e sua sustentabilidade junto às futuras gerações de analistas.

### **O corpo e a formação psicanalítica<sup>16</sup>**

Usamos nossa mente para falar do corpo e vice-versa. Sem o nosso corpo não poderíamos nos encontrar, colocar em palavras o que a nossa mente fervilha por expressar. Sem nossa mente, não poderíamos passar de corpos juntos, estar aqui comunicando o que vivemos, o que aprendemos juntos.

No intuito de compreender este par mente e corpo e como ele nos perpassa ao longo da formação analítica recorreremos a autores clássicos. Iniciamos com

---

16 Souza, C., Steibel, D., Levy, F., Wiehe, I., Goi, J., & Torres, M. (2016). *O corpo e a formação psicanalítica*. Comunicação apresentada no 31º congresso FEPAL: Corpo. Cartagena das Índias, Colômbia.

Souza, C., Steibel, D., Levy, F., Wiehe, I., Goi, J., & Torres, M. (2016). O corpo e a formação psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicoanálises: Cáliban*, 14 (1): 38-47.

Freud (1905), que afirmou a forte ligação entre corpo e sexualidade, onde o psiquismo nasce apoiado nas sensações corporais. Winnicott (1970) e Bion (1963) destacaram importância dos cuidados maternos na integração somato-psíquica do bebê; Bick (1968) e Anzieu (1989) teorizaram sobre a metáfora da pele como continente das funções psíquicas do eu. A partir destes autores, ousamos um voo sobre nossas experiências com os pacientes ao longo da formação.

Por muito tempo a palavra, privilegiada no âmbito da comunicação entre o par analítico, resguardou o corpo do analista. Aos poucos, parece que este conseguiu *re-conquistar* mais espaço para seu corpo, cada vez mais considerado como parte crucial do trabalho analítico. Observamos que nossa cultura latino-americana não proíbe a concreta aproximação corporal ou ação espontânea entre analista e paciente. Retribuir abraço ou beijo em datas especiais, aceitar presentes, parabenizar conquistas, comparecer a cerimônias, exemplificam rupturas do *setting* de forma inusitada, espontânea e humana. Em geral, estes momentos subjazem um fortalecimento do vínculo, nem sempre verbalizado de imediato, mas reconhecido por ambos como uma “experiência de vitalidade humana” (Ogden, 2013, p. 23). Este ato espontâneo costuma ser marcante e terapêutico.

Além disso, em alguns momentos da clínica nos deparamos com o nosso corpo antecipando algo ainda não verbal. Quando o analista está sincronizado emocionalmente com o seu analisando, suas manifestações corporais tendem a acompanhar o mesmo nível de organização psíquica do campo. Trocas de elementos brutos, afetos e sensações, se dão em um interjogo no qual transferência e contratransferência estão *encarnadas* mais do que representadas (Prat & Israel, 2010).

A formação da identidade profissional do analista passa pela necessidade primária de um continente, com todos os aspectos que a envolve: corpo teórico, análise pessoal, supervisão e participação institucional. Ansiedades e angústias suscitadas pelo encontro com pacientes mais regressivos, e/ou com a possibilidade de contatos mais regressivos com pacientes mais integrados, em momentos especiais, reforçam a importância da sustentação proporcionada pelos quatro eixos. Assim, a passagem da bidimensionalidade do conhecimento teórico para a tridimensionalidade do encontro com o outro pode ser facilitada.

Traçando uma analogia entre a arte da dança e a *arte da psicanálise*, o brincar se atualiza quando, no lugar da palavra se encontra um corpo em movimento, produtor de significados. Enquanto no balé clássico o que se busca é uma apropriação da técnica, baseada na repetição que visa à perfeição, na dança contemporânea privilegia-se a reconstrução estética das experiências vividas pelos dançarinos, dando lugar à liberdade de expressão (Campos, 2011).

Por vezes, no início da formação, se observa a busca obstinada por uma apropriação da técnica, minuciosa, com a intenção de se chegar à perfeição. Mas à medida que explora e cria novos sentidos, o candidato em formação, como o bailarino da dança contemporânea, passa a ter maior liberdade e participação no processo criativo da dupla analítica, com todos os novos desafios que a abrangência da técnica impõe.

Na dança contemporânea, corpo e linguagem se aproximam, à medida que o corpo é tomado como portador de histórias. Um corpo que se apresenta como um palco onde se encena uma dança de relações entre o psíquico e o somático, elementos fundantes da psicanálise. O movimento passa a ter que vir de dentro para fora, fazendo advir à linguagem de cada bailarino (Campos, 2011). Ao longo da formação analítica, cada candidato, também vivencia um movimento de dentro para fora e que se expressa de diferentes formas em cada um. Cada um criará a sua linguagem própria, de acordo com uma identidade singular que vai se construindo. E, com cada paciente, esta linguagem se estabelecerá dentro de uma harmonia, melodia e ritmo específicos, fazendo com que cada dupla analítica dance, conforme a música.

O desenvolvimento de espaços que contemplam o estudo de tema como o deste trabalho reforça a flexibilidade e o amadurecimento da psicanálise, que se renova conforme a demanda; ainda que assuntos delicados como este possam causar certo desconforto ou inquietação, eventualmente. Entendemos que quanto mais visceral o processo analítico mais *holding* e *revêrie* a dupla necessitará.

Por isso acreditamos que, ao longo da formação psicanalítica, seja necessário também explorar e redimensionar cada vez mais as questões referentes às comunicações corporais, em amplitude, intensidade e complexidade reflexiva. Isto é, criarmos intimidade e fluidez com o nosso *corpo analítico*. Assim como a dança permite constantemente redefinir nossas fronteiras corporais, o processo de formação analítica também proporciona o redimensionar dos limites mentais e corporais do paciente e analista, em busca da expressão e compreensão do inconsciente.

A importância dos quatro eixos formadores se evidencia para que se possa articular o que se sente e se reflete no corpo juntamente com a intuição, o sentimento, o pensamento e a linguagem. A formação, na atualidade, nos respalda, com um inovador corpo teórico e técnico que dá sustentação ao novo analista e este ao seu paciente. Isto é o que torna possível o par manter a dança analítica, de forma livre e criativa, sem perder de vista o ritmo vívido, imposto pelo inconsciente.

## Considerações finais

Ao longo destes últimos cinco anos e seis trabalhos, diferentes pessoas formaram distintos grupos, cada um com uma dinâmica única, mas todos eles com um objetivo em comum: compreender o nosso lugar e o nosso fazer enquanto analistas em formação. Frente às inúmeras mudanças que nos são instigadas ao longo da formação, nos estudos, nos atendimentos e nas nossas análises pessoais, nos vemos frente a transformações importantes que nem sempre são possíveis de serem compreendidas, mas que são intensamente vividas.

Em meio a estas metamorfoses, achamos em nossos pares, irmãos e colegas de formação, uma incrível ferramenta de troca criativa que resultou na escrita destes trabalhos. Os grupos de escritas eram vivos, divertidos e por vezes tensos, mas puderam oferecer um espaço para a construção e elaboração das vivências provindas da árdua e apaixonante tarefa analítica. Entendemos que este processo faz parte do que Stefano Bolognini (2014) chamou do quarto vértice da formação, referente à importância da relação do analista com as atividades e vínculos institucionais.

Um tema recorrente nestes trabalhos foi em torno das transformações pelas quais a psicanálise vem passando ao longo dos últimos anos. É notável uma expansão da teoria e da técnica psicanalítica, principalmente no que se refere à inclusão do material inconsciente do analista, criando uma visão intersubjetiva do que se passa com a dupla de trabalho. A partir disso, há um clima de maior abertura para o acolhimento das vivências e para a compreensão dos nossos sentimentos, e das consequentes turbulências emocionais inerentes ao processo e a formação analítica.

Sabemos que o movimento de abertura traz consequências. Percebe-se que uma maior gama de angústias está sendo compartilhada pelos analistas, mais pontos antes cegos estão sendo iluminados, mas com isso, mais incertezas nos chegam. As discussões do grupo de colegas que elaborou este artigo transitaram por associações envoltas por um clima dessa natureza, de dúvidas sobre diferentes intervenções em uma determinada sessão, de como compreender um determinado fenômeno com base na contemporaneidade, de como lidar com questões atuais da tecnologia presentes no *setting*, etc. Ou seja, além de estarmos mais em contato com o nosso mundo interno na sala de análise, estamos percebendo que a casa inteira – método psicanalítico - sofre mudanças. Mudanças sempre trazem frescor, novidade, flexibilidade, mas também reestruturações, confusões e divergências. O fundamental é ter um espaço para discutir tudo isto.

Os candidatos em formação, ao escreverem sobre seu momento profissional e pessoal, assumem uma postura madura e honesta de contribuição para o cons-

tante amadurecimento da psicanálise e da formação psicanalítica. Encontrar em nosso instituto, (representado por nossos modelos, analistas didatas, supervisores e docentes e/ou colegas), um ambiente que estimule o livre pensar, criar e expressar-se, denota, a nosso ver, um significativo grau de saúde institucional. O instituto passa a ser um dos alicerces que reforça e fortalece a convicção do método e estimula o desenvolvimento deste e o nosso próprio. Fazer parte de uma instituição psicanalítica que proporciona um espaço fértil para o crescimento e a expansão da mente, facilita com que a inovação e a tradição conversem entre si. Além disto, favorece um movimento criativo em que possa surgir o novo, o que ainda está por vir da psicanálise.

A construção da nossa identidade de analistas passa por uma permanente construção-desconstrução-reconstrução, ilustrando o quão dinâmico e paradoxal é a busca por um ideal de ego profissional. Pearl King (1976) realizou um estudo sobre o ciclo vital da vida do analista, sendo o primeiro momento deste ciclo o da formação analítica, e destaca alguns conflitos típicos deste momento: a preocupação com o grande investimento financeiro; a consciência de que a análise pessoal não consegue abranger todos os conflitos como fora a expectativa do candidato; a necessidade de trabalho intenso e contínuo; bem como necessidades pessoais em processo de estruturação que também demandam tempo.

Os novos tempos da psicanálise, e porque não também do nosso instituto, nos proporciona professores e supervisores dispostos a compartilhar conosco suas experiências da forma mais honesta possível, mostrando que também passam por momentos difíceis, de dúvidas e de não compreensão. Com isso, recebemos de forma indireta um modelo em constante construção, que nos comunica que a função analítica nunca será um território totalmente conquistado, mas sim uma função na qual exige o nosso maior cuidado e zelo. O que ganhamos com o tempo é uma maior confiança em nossa capacidade analítica e no próprio método. Com isso, adquirimos uma maior capacidade para não nos desesperarmos diante do caos emocional, e de acreditar que ele nos levará a algum lugar, que mesmo sendo ainda desconhecido, nos trará, no mínimo, centelhas de sentido. Apesar das águas turbulentas, não podemos perder de vista o que nos norteia, que é a capacidade de continuar pensando e nos inquietando.

E agora? Que tipo de mudanças a vida nos reserva? Que outras e novas transformações nós analistas e o nosso método sofrerão? Conseguiremos manter a lealdade a ele, sem nos perdermos e sem perder a criatividade, a inovação? Sentimo-nos, em parte, responsáveis por zelar pelo futuro da psicanálise, já que sere-mos nós os futuros modelos, ao mesmo tempo em que entendemos o paradoxo do eterno *vir a ser*.

Fernando Pessoa pode nos ajudar quando escreve que *Quem tem alma não tem calma [...]*, aludindo-nos que estar vivo é aceitar a inquietude. Esperançados um dia estivemos que as perturbações da alma finalizassem após a conclusão da formação, a alta, ou com a chegada de uma madura identidade analítica. Este tempo morreu. Infelizmente, deixou de herança hectares extensos de desamparo. Felizmente, deixou de herança hectares extensos de liberdade.

### **Under the spotlight: psychoanalytic training**

**Abstract:** Since 2011 the Candidate Association (AC) of the Psychoanalytic Society of Porto Alegre (SPPA) has encouraged writing groups, with colleagues from different stages of training, to write and present works about psychoanalytic training and themes of the congress of FEBRAPSI and Fepal. Through this article, we aim to present the hitherto produced. Starting with the theme Tradition and Invention, following by Fears and Passions, Realities and Fictions, Dream and Act, and finally, the Body. In addition to deepening our knowledge on the subject of analytic training, we had the rich and creative experience to exchange with colleagues that resulted in the writing of six works, and this article. We understand that this process is part of what Bolognini (2014) called the fourth axle of training, concerning the importance of the analyst's relationship with the institutional links and activities.

**Keywords:** Analytic training. Fourth axle.

### **Referências**

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.
- Ambrosiano, L. (2005). The analyst: his professional novel. *International Journal of Psychoanalysis*, 86: 611-1626.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.
- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object relation. *International Journal of Psychoanalysis*, 49 (4): 558-566
- Bion, W. (1963). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Bolognini, S. (2014). *Em direção a um “modelo quadripartite”*. Carta escrita pelo Presidente da IPA Stefano Bolognini em 2014, discutida em atividade científica

na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Quarto Vértice: A formação psicanalítica em debate.

Bonder, N. (1998). *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco

Campos, M. N. M. (2011). Narrativas do corpo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (4): 25-28.

Eizirik, C. L. (2011). *Tradição - Invenção em Psicanálise*. FEPAL.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1910). Cinco lições de psicanálise: terceira lição. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 29-37). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

\_\_\_\_\_. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 149-59). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Gabbard, G., & Ogden T, (2009). On becoming a psychoanalyst. *International Journal of Psychoanalysis*, 90 (2): 311-27.

\_\_\_\_\_. (2011). Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, 25: 117-130.

Guerrero C., & Laufer, E. (2004). Reorganisational and educational demands of psychoanalytic training today: our long and marasmic night of one century. *International Journal of Psychoanalysis*, 85: 3-26.

Kernberg, O. (2000a). A concerned critique of psychoanalytic education. *International Journal of Psychoanalysis*, 81: 97-120.

\_\_\_\_\_. (2000b). *Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações*. Porto Alegre: Artes Médicas.

King, P. (1976). The supervision of students in psychoanalytic training who have previously been trained as psychotherapists. In: *Time present and time past: selected papers of pearl king*. London: Karnac.

Levine, H. B. (2014). A tela incolor: representação, ação terapêutica e a criação da mente. *Livro Anual de Psicanálise*, 28 (2):193-214.

Luz, A. B. (2011). A verdade como forma de desenvolver e preservar o espaço para

pensar nas mentes da paciente e da analista. *Livro Anual de Psicanálise*, 25: 101-116.

Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.

Prat, R., & Israel, P. (2010). Entre la expresión verbal y la expresión corporal: um abordaje para el tratamiento psicoanalítico de los estados limite. *Psiconálisis*, 32 (2/3): 361-376.

Rezende, A. M. (1997). *Investigação em psicanálise, uma procura da verdade*. In: Comunicação escrita não publicada. Ribeirão Preto.

Teruchkin, B. (2011). A importância da intuição em psicanálise: de Freud aos nossos tempos. *Anais do V Simpósio Interno Integrado-AC/IP-SPPA*, 5: 59-69.

Winnicott, D. W. (1970). Individuação. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 30/09/2016

Aceito em: 17/10/2016

ADRIANA PACHECO PIRES  
Av. Lucas de Oliveira, 505 / 1102  
90450-171 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [adriana.ribas@terra.com.br](mailto:adriana.ribas@terra.com.br)

ADRIANA DAVOGLIO RIBAS  
Rua Felipe Néri, 457 / 409  
90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [adriana.ribas@terra.com.br](mailto:adriana.ribas@terra.com.br)

BETINA TERUCHKIN  
Rua Coronel Bordini, 830 / 311  
90440-003 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [bteru@terra.com.br](mailto:bteru@terra.com.br)

ALINE GRILL GOMES  
Av. Montenegro, 186 / 205  
90460-160 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [algrill7@yahoo.com.br](mailto:algrill7@yahoo.com.br)

DENISE STEIBEL  
Rua 24 de Outubro, 1681 / 1004  
90510-003 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [denisesteibel@gmail.com](mailto:denisesteibel@gmail.com)

ELENA BEATRIZ TOMASEL  
Rua Dona Laura, 87 / 503  
90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [elenatomasel@gmail.com](mailto:elenatomasel@gmail.com)

FRANCISCA LEVY  
Av. Itaqui, 98 / 203  
90460-140 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [franciscaleyv@hotmail.com](mailto:franciscaleyv@hotmail.com)

IARA LUCCHESI WIEHE  
Rua Mariante, 288 / 1107  
90430-180 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [iarawiehe@terra.com.br](mailto:iarawiehe@terra.com.br)

JULIA DOMINGUES GOI  
Av. Taquara, 193 / 206  
90460-210 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [juliadgoi@gmail.com](mailto:juliadgoi@gmail.com)

LAURA MEYER DA SILVA  
Rua Mostardeiro, 333 / 813  
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [laurameyerdasilva@gmail.com](mailto:laurameyerdasilva@gmail.com)

NYVIA OLIVEIRA DE SOUSA  
Rua Carvalho Monteiro, 234 / 304  
90470-100 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: [domnyv@uol.com.br](mailto:domnyv@uol.com.br)